

068

**UMA LEITURA DOS TRÊS DIÁLOGOS ENTRE HILAS E FILONOUS DE BERKELEY.** *Fabio Cantergiani Ribeiro Mendes, Andre Nilo Klaudat (orient.)* (Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS).

George Berkeley (1685 - 1753) é normalmente compreendido como um idealista, por afirmar que a realidade é composta de idéias e espíritos. Parece difícil que o autor desejasse ser assim compreendido, por sua sistemática defesa das crenças do senso comum. Ao longo de seis meses, o texto em questão foi estudado, através de elaboração de ensaios e encontros semanais com o orientador, resultando no presente trabalho. O objetivo do presente trabalho é fazer uma leitura dos Três Diálogos entre Hilas e Filonous, de Berkeley, com o objetivo de identificar como o autor pretende fazer justiça ao senso comum através da afirmação de que “as coisas sensíveis são idéias”, resultado final do primeiro diálogo. A tese a ser defendida é que as diversas interpretações do sistema berkeleyano variam de acordo com o modo como entendem a primeira parte da obra, o primeiro diálogo. Se este possui implicações fundamentalmente ontológicas, Berkeley defende um idealismo, ou até mesmo um ceticismo, pois diz que as coisas que percebemos são, na verdade, conteúdos mentais. Porém, se suas implicações são predominantemente metodológicas, encontramos ali uma posição chamada imaterialista, que procura com o termo “idéia” guardar o contato direto que temos com os objetos que percebemos, se aproximando de um realismo direto: “coisas sensíveis são idéias” significaria “as coisas que existem são aquelas com as quais temos contato direto”. Contudo, nenhuma interpretação emana naturalmente de seu sistema, todas encontram problemas com o texto e levam a desconsideração de certas passagens: uma interpretação idealista ou cética considera mera retórica a constante ode ao senso comum; a imaterialista faz uma leitura demasiadamente caridosa dos argumentos de cunho cartesiano. Mesmo assim, fica a intuição berkeleyana de uma ambigüidade de compreensão de nossa percepção: se queremos fazer justiça a situação perceptual ordinária, devemos entender os sentidos como confiáveis e a percepção como um contato direto com o objeto; entretanto, devemos guardar a possibilidade do erro, que aponta para a existência de um intermediário no ato perceptivo. (PIBIC/CNPq-UFRGS).